

ISSN: 2183-0924



APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

16

JUNHO

2022

Título: Apontamentos de Arqueologia e Património

Propriedade: Era-Arqueologia S.A.

Editor: ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação

Arqueológica – NIA Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: Junho de 2022

Volume: 16

Capa: Placa de xisto decorada da Anta 1 de Vale da Moura

(Foto de António Carlos Valera)

Director: António Carlos Valera

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais: antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	Inês Mendes da Silva
	BOA VISTA 5 E AS COMPANHIAS PARA O
Tiago do Pereriro, António Carlos Valera	COMÉRCIO DO BRASIL. 1490-1720 41
PLACAS DE XISTO E BÁCULO DA ANTA 1	
DE VALE DE MOURA (ÉVORA).	Ana Rosa, Inês Simão
BREVE APONTAMENTO	A ANTIGA FÁBRICA NAPOLITANA, ALCÂNTARA.
	UMA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA SOBRE
António Carlos Valera, Tiago do Pereiro	A CASA DAS CALDEIRAS49
ROUCA 7 (CANO, SOUSEL): GEOFÍSICA DE UM	
NOVO RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO 15	Ana Catarina Basílio, André Texugo, Tiago do Pereiro
	iARQUEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A
António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio,	ADOPÇÃO DO SENSOR LIDAR DE DISPOSITIVOS
Alessio Gorga, Nelson Almeida, Juliana Ferraz	MÓVEIS NA PRÁTICA ARQUEOLÓGICA57
O GRANDE COMPLEXO DE RECINTOS DE FOSSOS	
PRÉ-HISTÓRICO DO MONTE DA CONTENDA	Ana Costa Pereira, Tomás Pereira Botelho
(ARRONCHES): ABORDAGEM A PARTIR DE	DESCONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ESCAVAÇÃO
DISTRIBUIÇÕES DE SUPERFÍCIE	ARQUEOLÓGICA:
51011 N551 Ç 0 20 52 001 21 N 1012	TEMPO, AGÊNCIA E MEDIAÇÃO69
Patrícia Diogo Monteiro, Artur Ribeiro,	
António Carlos Valera	
WOODLAND RESOURCES IN PERDIGÕES:	
ANTHRACOLOGICAL ANALYSIS OF CHALCOLITHIC	
AND FARLY BRONZE AGE CONTEXTS 33	



EDITORIAL

25 anos de ERA Arqueologia

A ERA Arqueologia faz este ano 25 anos. Ao longo deste quarto de século de existência o seu compromisso com a divulgação e publicação dos seus trabalhos e do conhecimento produzido traduziu-se numa intensa actividade editorial, na participação em inúmeras reuniões científicas nacionais e internacionais ou publicação regular de artigos em actas e revistas de especialidade. De entre todas estas realizações ganha particular relevo o esforço dedicado à actividade editorial, porque é diferenciador, representa a forma como a empresa pensa e vê a sua actividade e é demonstrativo desse mesmo compromisso.

De facto, tendo a ERA surgido em 1997, o primeiro número da revista em papel ERA Arqueologia, foi publicado em 2000. Até 2008 foram sucessivamente editados oito volumes, nos quais se publicaram trabalhos da empresa, artigos de investigação e teoria, se discutiram questões da organização da arqueologia e da profissão (Ensino, Divulgação, Ordem dos Arqueólogos, Cadernos de Encargos, etc.). Seguiu-se a revista online Apontamentos de Arqueologia e Património, que publica agora o seu 16º volume. A par, criaram-se as séries ERA Monográfica, já com seis volumes editados, e Perdigões Monográfica, com dois volumes publicados, às quais se soma a publicação das actas de um workshop.

Para utilizar uma expressão em voga: conhecer, debater, divulgar e comunicar fazem parte do "nosso ADN"

António Carlos Valera

O GRANDE COMPLEXO DE RECINTOS DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DO MONTE DA CONTENDA (ARRONCHES): ABORDAGEM A PARTIR DE DISTRIBUIÇÕES DE SUPERFÍCIE.

António Carlos Valera¹
Ana Catarina Basílio²
Alessio Gorga³
Nelson Almeida⁴
Juliana Ferraz⁵

Resumo:

Apresenta-se a análise de distribuição espacial de materiais de superfície na área dos recintos centrais do grande complexo de recintos de fossos do Monte da Contenda (Arronches). Recorrendo ao alinhamento e regularidade das árvores do amendoal plantado no sítio, foi feita uma recolha ao longo de sete fiadas. Os materiais recolhidos foram contabilizados, classificados tipologicamente e realizados mapas de densidades e de distribuição de algumas categorias artefactuais. Os resultados são depois correlacionados com as imagens dos magnetogramas já publicados e retiradas conclusões relativamente à relação entre algumas áreas dos recintos e determinadas concentrações de materiais.

Abstract:

The large complex of Prehistoric ditched enclosures of Monte da Contenda (Arronches): approachin the central enclosures from the surface materials destribution.

An analysis of the spatial distribution of surface materials in the the central enclosures area of the large complex of ditches of Monte da Contenda (Arronches) is presented. Using the alignment and regularity of the almond trees planted on the site, a surface collection was carried out over seven rows. The collected materials were counted, typologically classified and density and distribution maps of some artefactual categories were made. The results are then correlated with the images of the magnetograms already published and conclusions are drawn regarding the relationship between some areas of the enclosures and certain concentrations of materials.

1. Introdução

Identificado no âmbito da investigação sobre recintos de fossos alentejanos desenvolvida pelo Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA) da ERA Arqueologia S.A., o complexo de recintos de fossos do Monte da Contenda foi já sujeito a vários trabalhos arqueológicos, maioritariamente não intrusivos. Foram realizadas duas campanhas de prospecções geofísicas, uma restrita à área mais central dos recintos (Valera et al., 2014) e outra que abrange todo o sítio e a sua periferia (Ribeiro et al., 2019). Foi ainda realizado um acerto de corte de um dos fossos no talude do estradão que corta os recintos na sua metade sul e efectuadas recolhas de materiais de superfície durante esses trabalhos.

Em 2022, durante a execução do projecto SANVIT (Valera *et al.*, 2019) dedicado ao estudo do vizinho recinto de fossos de Santa Vitória, distante apenas 4 km do Monte da Contenda, foi realizada uma nova prospecção de superfície. O objectivo foi obter mais informação sobre as ocupações do Monte da Conteda, de forma a poder estabelecer uma primeira correlação com Santa Vitória, no âmbito da contextualização deste último no povoamento local durante o 3º milénio a.C..

Estes trabalhos incidiram sobre área dos recintos mais centrais. Ao contrário das recolhas de superfície anteriores, as quais foram realizadas sem uma localização espacial pormenorizada, as agora efectuadas aproveitaram como elemento referenciador o amendoal entretanto plantado sobre o sítio, o qual, devido à sua regularidade, proporciona uma matriz. Esta circunstância permitiu uma "georreferenciação" dos materiais, a sua análise espacial e correlação com os magnetogramas existentes.

¹ Era Arqueologia / ICArEHB (antoniovalera@era-arqueologia.pt)

² ICArEHB (<u>catarinasbasilio@gmail.com</u>)

³ Università degli Studi di Sassari (Estagiário na Era Arqueologia) ⁴UNIARQ

⁵FLUP

2. Localização e caracterização do Monte da Contenda

Administrativamente, o sítio do Monte da Contenda localizase na freguesia de Assunção, concelho de Arronches, distrito de Portalegre, apresentando as seguintes coordenadas geográficas: X 87955, Y –69438 (ETRS89/PT-TM06), e uma altitude média de 250 m (C.M.P., 1:25000, fl. 400).

Em termos geográficos, está implantado na margem direita da Ribeira das Argamassas, ao longo de uma extensão de cerca de 500m e estendendo-se até ao topo da vertente, ultrapassando-o ligeiramente, estendendo-se para o início do declive virado a Norte. Assim, o sítio ocupa essencialmente a vertente virada a Sul, estando o seu centro, ou sucessivos centros, localizados a meia vertente (Figuras 1 e 3). Esta implantação, pouco compatível com grandes estratégias e preocupações de natureza defensiva ou de grande controlo visual, confere-lhe em quase toda a sua extensão uma limitada visibilidade sobre a paisagem, a qual se restringe ao vale da referida ribeira.

A geologia local corresponde a uma formação de dioritos que se apresentam com níveis assinaláveis de alteração em várias zonas, mas onde afloram num talude alguns blocos relativamente sãos, numa zona de fronteira com gnaisses. A zona é atravessada por alguns veios graníticos (C.G.P., 1:50000, fl. 33C).

Os recintos foram cortados por um estradão rural com orientação Este — Oeste no seu terço Sul. A parte a Sul do estradão está plantada com um olival antigo, enquanto a parte Norte foi a que sofreu trabalhos de reconversão agrícola recentes, com a plantação de um amendoal. Foi no talude deste estradão que se realizou, em 2014, a limpeza de secção de um dos fossos cortados pela via.

A conjugação dos magnetogramas resultantes das prospecções geofísicas realizadas permitem perceber que os recintos não se prolongam para Sul da Ribeira das Argamassas, ocupando uma longa faixa ao longo da sua vertente direita. São identificáveis inúmeros trocos de fossos. documentando uma intensa actividade construtiva. Inúmeras sobreposições e cruzamentos de fossos documentam o carácter diacrónico dessas construções. Dada a natureza de "palimpsesto" das imagens geofísicas, é difícil estabelecer relações de anterioridade e posterioridade. Contudo, conjugando os desenhos definidos pelos conjuntos de fossos com as distribuições de materiais, poderemos definir dois grandes conjuntos: os fossos que definem recintos mais longos na vertente, de maiores dimensões e com fossos essencialmente lineares; o conjunto de recintos que ocupa a área mais central, que apresentam uma maior tendência circular e concêntrica e onde alguns fossos são sinuosos (Figura 1).

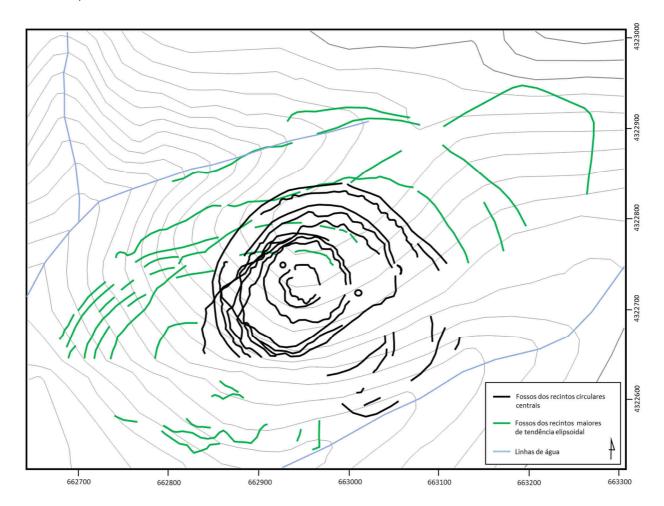


Figura 1 – Planta dos recintos do Monte da Contenda desenhada a partir da conjugação dos dois magnetogramas.



Figura 2 - Conjugação dos dois magnetogramas realizados no Monte da Contenda, sobrepostos a imagem aérea.

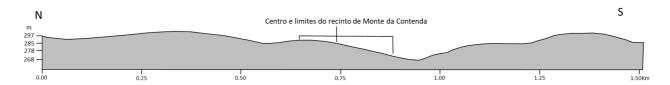


Figura 3 – Perfil topográfico da Ribeira das Argamassas, com localização da área de implantação (e centro) dos recintos de tendência circular do Monte da Contenda.

3. Metodologia de prospecção e recolha

Dada a grande extensão do sítio e o facto de a concentração de materiais ser bastante maior na área dos recintos de tendência circular, foi seleccionada esta última para a realização das prospecções de 2022. Como se referiu acima, já se tinham realizado prospecções e recolhas de materiais de superfície, o que permitiu ter uma noção geral das distribuições dos mesmos, mas as recolhas não foram sistemáticas e tiveram apenas uma referenciação genérica, do tipo "àrea a Sul do estradão" ou "área Oeste dos recintos centrais".

As recolhas agora realizadas foram sistemáticas (todo o tipo de materiais) e utilizaram como referenciação a matriz proporcionada pelas fiadas de árvores do amendoal. Estas encontram-se alinhadas com um espaçamento de 5m, estando cada linha separada por 6m. A visibilidade do terreno apresentava a seguinte situação: numa faixa de cerca de 2m de largura ao longo dos eixos N-S dos alinhamentos de árvores, o terreno apresentava-se limpo e ligeiramente revolvido, proporcionando excelente visibilidade; já o espaço entre estas faixas estava coberto de erva e marcas de rodados e com pouca visibilidade. Assim, as áreas de recolha

sistemática correspondem a faixas de 2m de largura, compartimentadas em espaço de 5m, o distanciamento entre árvores (Figuras 3 e 4).



Figura 4 – Faixas de maior visibilidade ao longo das árvores e de menor visivilidade entre as fiadas.



Figura 5 – Unidades de recolha sistemática entre árvores, com uma área de 2x5m.

Uma vez que só a área dos recintos de tendência circular centrais é abrangida por cerca de 38 fiadas, e dada a densidade de materiais de superfície (como se demonstrará adiante) e a disponibilidade de tempo e meios, a prospecção foi feita por amostragem, tendo incidido exclusivamente na área desses recintos a Norte do estradão e em 7 fiadas de orientação Norte-Sul. A selecção destas fiadas teve como objectivo a cobertura de toda essa área. Nesse sentido, uma faixa percorre o eixo central dos recintos, existindo mais três de cada lado, com espacamentos regulares de guatro fiadas intermédias não prospectadas (com uma excepção, em que o espaçamento é de cinco), e que vão até aos extremos Este e Oeste dos recintos de tendência circular. As fiadas foram identificadas por letras do alfabeto, crescendo da fiada da direita para a esquerda. O número de unidade de recolha (2x5m) por fiada varia nas três primeiras (devido à curva do caminho), sendo constante nas restantes. Temos assim:

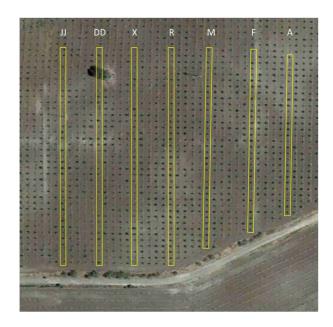




Figura 6 – Localização das fiadas prospectadas sobrepostas na imagem aérea do olival e no magnetograma.

Fiada A com 26 unidades de recolha; Fiada F com 30 unidade de recolha; Fiada M com 33 unidades de recolha; Fiada R com 36 unidades de recolha; Fiada X com 36 unidades de recolha; Fiada DD com 36 unidades de recolha; Fiada JJ com 36 unidades de recolha.

A soma destas unidades corresponde a 233, o que, tendo em conta que cada unidade tem 2x5m (10m²), a área total de recolha sistemática é de 2330m². Se considerarmos as 31 fiadas não prospectadas, e todos os espaços entre fiadas de 3 metros de largura (nenhum foi prospectado devido às más condições de visibilidade), teremos uma área destes recintos centrais sem recolhas de cerca de 29665m², ou seja, que os dados obtidos dizem respeito a apenas 8% desta dessa mesma área. Um dado que tem obrigatoriamente que estar presente na altura de ponderar os resultados obtidos.

4. Análise espacial: a densidade

Nas 7 fiadas prospectadas foram recolhidos vários milhares de materiais arqueológicos, integráveis em múltiplas categorias artefactuais (a Tabela 1 apresenta uma síntese provisória de todos os materiais recolhidos nas várias prospecções de superfície já realizadas no Monte da Contenda). Devido à quantidade e diversidade de material, o seu estudo tipológico e estilístico detalhado não é aqui realizado e será desenvolvido em futuras publicações de conjunto ou sobre temáticas específicas. Aqui pretende-se sobretudo olhar à distribuição espacial de materiais, nomeadamente dos que podem ter algum valor em termos de diagnóstico de natureza cronológica e contextual.

Assim, para uma análise de densidade foi trabalhada apenas a cerâmica (fragmentos de recipientes cerâmicos), por se tratar da categoria mais numerosa. Nas sete fiadas foi recolhido um total de 33.283 fragmentos cerâmicos. Número estonteante, mesmo que não considerássemos que o mesmo se refere a apenas cerca de 8% de área de recolha. Para a realização do respectivo mapa de densidades foram contabilizados todos os fragmentos por unidade de recolha e criada uma sequência de nove classes, com intervalos de 50 unidades, sendo atribuída uma cor a cada classe, mais "fria" para a classe mais baixa (0-50) e progressivamente mais "quente" para as classes seguintes, tendo sido atribuída a cada unidade de recolha a cor correlativa ao número de fragmentos aí recolhidos (Figura 7).

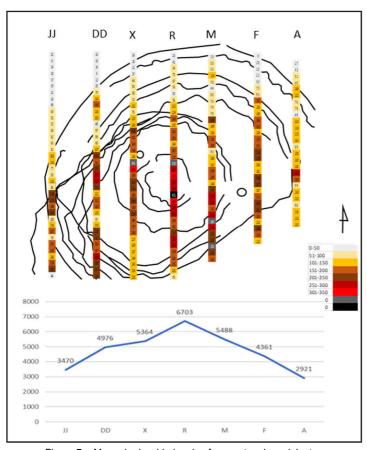


Figura 7 – Mapa de densidades dos fragmentos de recipientes cerâmicos e expressão gráfica dos somatórios por fiada.

O mapa de densidades (Figura 7) evidencia três situações muito claras. A primeira é para a redução da presença de fragmentos cerâmicos nas áreas exteriores ao conjunto de recintos circulares, o que se observa sobretudo a Norte, onde as unidades de recolha chegaram a espaços mais exteriores. A segunda é a maior densidade de material na área central do conjunto de recintos e a sua progressiva redução no sentido das periferias, visível igualmente no comportamento dos somatórios de cada fiada. A terceira é a correspondência, em vários pontos, entre um aumento de densidade de materiais e o traçado de um ou mais fossos, sendo que essa correlação é menos evidente nos recintos mais centrais, que enquadram as maiores densidades.

Por outro lado, a constatação de que existe um decréscimo relativamente regular do número de fragmentos entre a fiada central e as fiadas laterais (regularidade expressa no gráfico da Figura 7), permitiu realizar uma extrapolação através do cálculo de proporcionalidades para as fiadas intermédias não prospectadas. Este exercício possibilitou estimar um número de 158.776 fragmentos cerâmicos para todas as fiadas de árvores entre a A e a JJ. não esquecendo que não se contabilizam aqui as faixas centrais de fraca visibilidade entre cada fiada. Esta estimativa serve, sobretudo, para se ter a noção da quantidade de materiais existentes à superfície nesta zona dos recintos de tendência circular, sendo que a parte dela a Sul do estradão também não está aqui contemplada. Esta densidade à superfície, de certa forma comparável à que foi observada em 1997 nos Perdigões após a surriba sofrida pelo sítio, ficará a dever-se em grande medida a afectações sofridas durante o plantio do amendoal, mas não deixa igualmente de reflectir uma efectiva densidade diferenciada de ocupação deste espaço, de expressão provavelmente sincrónica e também diacrónica, onde o centro emerge como área preponderante. Note-se que nas áreas a Este e a Oeste destes recintos de tendência circular, mas abrangidas pelos recintos de tendência elipsoidal, a presença de materiais à superfície é substancialmente mais residual, o que reforça a diferenciação entre ambos os conjuntos de estruturas negativas.

5. Análise espacial: categorias de materiais e cronologia

Um dos objectivos do trabalho realizado era também o de tentar perceber se, através da distribuição de materiais de superfície com maior capacidade de diagnóstico, seria possível obter alguma informação sobre diferenças cronológicas relativamente a este conjunto de recintos de tendência circular.

Já se sabia que o fosso mais externo é atribuível ao Neolítico Final. A sua secção foi registada na zona onde era cortado pelo talude do estradão e a sua estratigrafia, materiais e datações absolutas obtidas sobre restos faunísticos foram já publicadas (Valera, et al. 2014), colocando aquela estrutura genericamente nos últimos três séculos do 4º milénio a.C. (Wk-38618 – 4464 \pm 29BP – 3336-3024 cal BC 2 σ / Wk-38619 – 4478 \pm 29BP – 3340-3030 cal BC 2 σ).

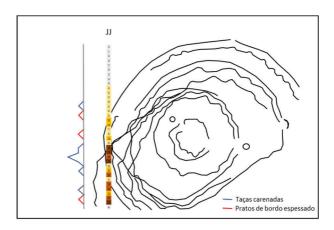
Procurava-se, agora, ver até que ponto as distribuições de superfície poderiam dar indicações cronológicas sobre os

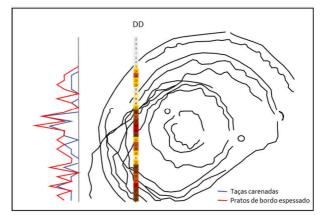
restantes fossos do conjunto. As largas centenas de materiais arqueológicos classificáveis já recolhidos à superfície são integráveis em várias categorias (Tabela 1), mas nem todas as categorias, nem todos os materiais dentro de cada categoria, têm o mesmo potencial como indicador cronológico. Assim, procurou-se analisar a distribuição espacial de duas formas cerâmicas específicas (taças carenadas e pratos de bordo espessado), de fragmentos de recipientes decorados (com decorações campaniformes e outras), de elementos do sagrado, de queijeiras, de pesos de tear, pontas de seta, lâminas e elementos metalúrgicos.

Categorias	Contagens	Totais
Recipientes		2822
Bordos / Carenas	2752	
Bordos e Bojos decorados	50	
Campaniformes	14	
Queijeiras	4	
Colheres	2	
Pedra Polida		145
Machados	19	
Enxós	23	
Martelos	30	
Cunha	1	
Formão	2	
Esboços	18	
Fragmentos / Ind	52	
Pedra Talhada		75
Lascas	12	
Lamelas	7	
Lâminas	25	
Núcleos	4	
Pontas de seta	16	
Percutores	9	
Bigornas	2	
Moagem		6
Dormente	1	
Moventes	5	
Pesos de Tear		63
Pesos de rede		10
Sobre seixo	10	
Sagrado		15
Betilo (pedra)	1	
Pecten	1	
Placa de xisto	3	
Paralelepípedo com sulco	1	
Ídolo cerâmica	1	
Ídolo de Cornos	8	
Metalurgia		4
Escória / Frag. Cobre	3	
Discos cerâmicos		8
Indústria óssea		1

Tabela 1 – Materiais arqueológicos classificados recolhidos nas várias campanhas de trabalhos arqueológicos realizados no Monte da Contenda.

A análise da distribuição de taças carenadas e pratos de bordo espeçado (Figuras 8 e 9) revela algumas tendências interessantes. No gráfico correspondente à distribuição ao longo da coluna "JJ" (Figura 8) regista-se um predomínio das taças carenadas, nomeadamente na zona de maior densidade de cerâmicas nessa faixa, a qual se sobrepõe ao fosso que foi intervencionado no talude e que revelou uma cronologia do Neolítico Final. Este é também o núcleo de recolhas anteriores (não referenciadas à grelha do amendoal) designado por Núcleo B e onde as taças caranadas e os potes mamilados se revelavam claramente preponderantes.





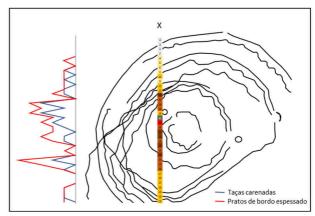
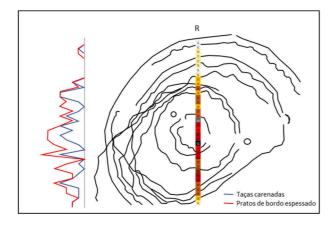
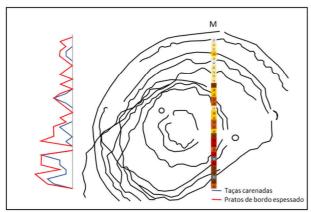
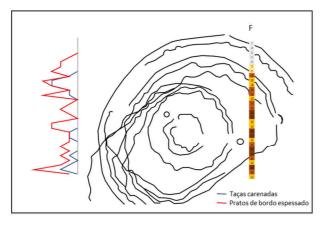


Figura 8 – Distribuição de taças carenadas e pratos de bordo espessado nas faixas JJ, DD e X. expressa nos gráficos laterais em relação com as unidades de recolha de cada uma das faixas.







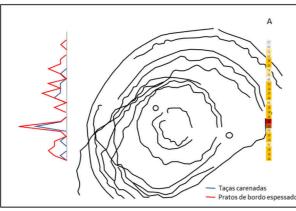


Figura 9 — Distribuição de taças carenadas e pratos de bordo espessado nas faixas R, M, F e A. expressa nos gráficos laterais em relação com as unidades de recolha de cada uma das faixas.

A partir das faixas seguintes, os pratos de bordo espessado tornam-se dominantes e a sua preponderância vai aumentado para Este, nomeadamente nas faixas X a M, que cobrem os recintos mais centrais. Esta tendência, de correspondência de uma maior densidade de materiais com uma preponderância de pratos de bordo espessado, indicia que a ocupação calcolítica se intensifica para o centro. Contudo, a manutenção das taças carenadas com uma boa representação, mesmo tendo em conta que estas morfologias, sendo características do Neolítico Final, se prolongam pelo Calcolítico, parece apontar para uma sobreposição das ocupações destes dois períodos na área ocupada por este conjunto de recintos.

De facto, se o fosso mais externo é de cronologia neolítica, a ampla abrangência de toda esta área por materiais calcolíticos é bem visível na distribuição das cerâmicas campaniformes (treze fragmentos de estilo inciso ciempozuelos e um de pontilhado geométrico), com fragmentos nas zonas mais intermédias, mas também junto ao fosso externo, o mesmo acontecendo com a restante cerâmica decorada, com motivos decorativos sobretudo atribuíveis ao calcolítico (Figura 10).

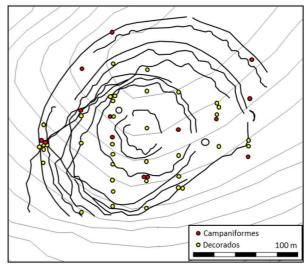


Figura 10 – Distribuição das cerâmicas decoradas.

Já a distribuição de pontas de seta, de fragmentos de lâminas e de elementos relacionados com o sagrado (Figuras 11 e 12) revelam uma concentração nas áreas dos recintos intermédios e mais centrais. Tal é mais evidente nas pontas de seta e lâminas, pois os conjuntos são mais numerosos, ganhando a sua dispersão espacial um significado mais forte.

Finalmente, a distribuição dos restos metalúrgicos, dos pesos de tear e fragmentos de queijeiras não difere muito das tendências gerais já observadas (Figura 13). Os parcos restos relacionados com a prática metalúrgica ocorrem no centro e nos recintos intermédios, enquanto as queijeiras, em número igualmente reduzido, ocorrem sobretudo na zona intermédia. Já os pesos de tear, em número mais abundante, têm uma distribuição ampla, mas também ela cobrindo o centro e o espaço intermédio, com apenas alguns registos junto ao fosso externo, na zona de maior concentração de materiais do Neolítico Final. O conjunto é dominado por placas, mais largas

e espessas que aquelas que ocorrem em contextos alentejanos mais meridionais, sendo os crescentes minoritários.

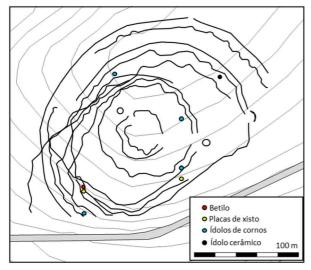


Figura 11 – Distribuição de elementos relativos ao sagrado.

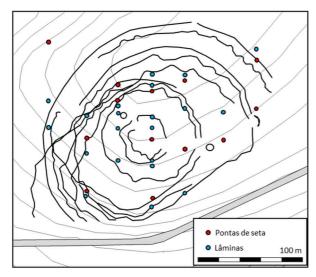


Figura 12 – Distribuição de pontas de seta e lâminas.

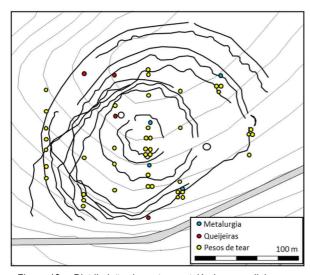


Figura 13 – Distribuição de restos metalúrgicos, queijeiras e pesos de tear.

6. Concluindo

Com os materiais de superfície recolhidos em 2021 o espectro cronológico do núcleo de recintos de tendência circular do Monte da Contenda aumentou, cobrindo agora uma diacronia que vai desde o último terço do 4º milénio a.C. (Neolítico Final) até, pelo menos, ao terceiro quartel do 3º milénio a.C., tendo em conta a presença preponderante de campaniforme inciso ciempozuelos. Poderá mesmo entrar pelo último quartel, já num momento inicial da Idade do Bronze, considerando alguns perfis de bordos exvertidos e de algumas formas carenadas. Este eventual prolongamento, contudo, não está ainda convenientemente documentado.

Por outro lado, a utilização da matriz de plantio do amendoal permitiu a realização de uma primeira aproximação à distribuição de materiais de superfície, cujos principais resultados são:

- A verificação que a densidade de ocupação cresce da periferia para o centro e de uma forma regular;
- A determinação da densidade de fragmentos cerâmicos para as áreas prospectadas nas 7 fiadas e a estimativa do número de fragmentos para o conjunto das fiadas abrangidas por este conjunto de recintos de tendência circular, o qual ultrapassa os cento e cinquenta mil fragmentos. Uma vez que esta estimativa apenas respeita às fiadas e não incorpora os espaços entre fiadas de visibilidade reduzida (e que corresponderão a cerca de 2/3 da área ocupada por estes recintos e apenas a norte do estradão), o valor real obtido para as fiadas prospectas e a estimativa realizada para as restantes permitem uma melhor percepção da grande densidade de materiais cerâmicos e da intensidade de ocupação do sítio, sobretudo nas suas áreas mais centrais, ao nível do que se observou, por exemplo, no complexo arqueológico dos Perdiaões:
- A verificação que a ocupação calcolítica se torna mais intensa nas zonas intermédias e centrais, e que existe uma coincidência entre um troço do fosso já datado do Neolítico Final e uma concentração de materiais superficiais característicos desse período, localizada do lado Oeste.
- Que materiais de maior excepção, como os fragmentos de campaniformes e de outros recipientes decorados, os elementos do sagrado, ou os elementos metalúrgicos, ainda que presentes sobretudo nas áreas intermédias e centrais do conjunto de recintos, não evidênciam áreas de concentração específicas;
- Que praticamente todas as categorias artefactuais características destes períodos estão presentes e com uma ampla distribuição neste conjunto de recintos.

Por último, este trabalho demonstra que a conjugação da abordagem geofísica com a da prospecção de superfície referenciada permite obter dados relevantes para o conhecimento de contextos com este nível de complexidade,

os quais, para além de permitirem abordar já uma série de problemas, são de grande auxílio para a elaboração dos inquéritos de investigação relativos ao sítio, para a sua gestão e para a orientação de futuras intervenções.

Com mais esta intervenção, a terceira a ser publicada sobre o que já poderemos chamar Complexo Arqueológico do Monte da Contenda (à imagem dos Perdigões e Porto Torrão), fica bem patente a escala do sítio. A geofísica já nos mostrava a sua grande extensão espacial, com mais de duas dezenas de hectares e a presença de dois conjuntos de recintos de fossos bem diferenciáveis (com, pelo menos, 19 recintos no total). Agora ficamos a saber que o conjunto de fossos mais central e de tendência circular concêntrica apresenta um amplo espectro cronológico, de cerca de um milénio, entre o último quartel do 4º e o terceiro quartel do 3º milénio a.C., o qual se traduz numa intensa ocupação, revelada pelos milhares de materiais presentes na superfície.

Menos informação existe sobre o outro conjunto de recintos, que abrangem um espaço mais amplo, mas sobre os quais não temos dados sobre a sua cronologia. Existe, contudo, uma diferença já bem marcada ao nível dos materiais de superfície, que rareiam ou desaparecem conforme nos vamos afastando do núcleo de recintos mais centrais.

Os próximos trabalhos passarão agora pelo estudo técnotipológico e arqueométrico dos conjuntos artefactuais recolhidos, os quais permitirão aprofundar algumas questões relativas ao Monte da Contenda e à sua contextualização regional e local (e, neste âmbito, abordar a sua relação com o vizinho recinto de Santa Vitória e povoados do Cabeço do Cubo e Zebro), assim como fundamentar melhor um questionário para projectos de intervenção futuros.

Agradecidementos

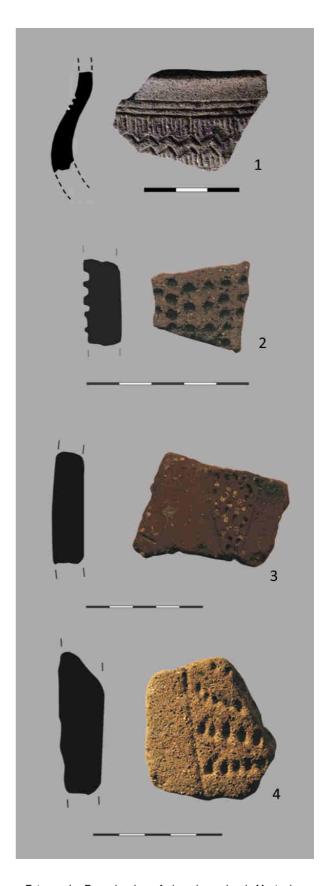
Os autores agradecem ao proprietário do Monte da Contenda a disponibilidade para conceder autorização para a realização dos trabalhos e às instituições que suportaram o projecto SANVIT (ERA Arqueologia e Câmara Municipal de Campo Maior), no âmbito do qual as prospecções foram efectuadas.

Referências Bibliográficas

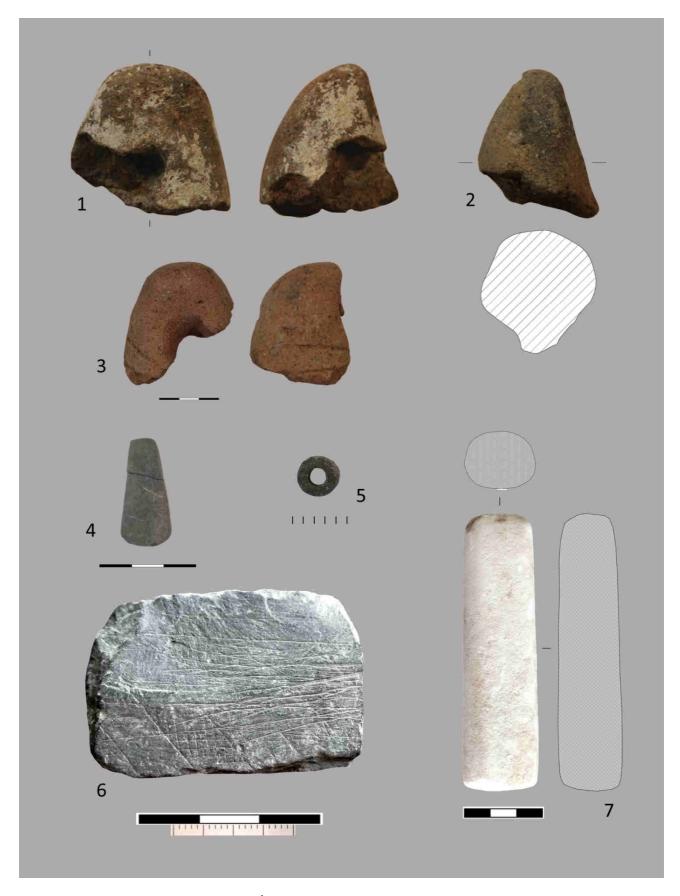
RIBEIRO, A.; RINNE, C.; VALERA, A. (2019) – Geomagnetic investigations at Monte da Contenda, Arronches, Portugal – Results from the 2018 campaign. *Journal fo Neolithic Archaeology*. 21: 61–74 [doi 10.12766/jna.2019.3].

VALERA, A.C.; BASÍLIO, A.C., PEREIRO, T. do (2019) – O projecto SANVIT: um novo ciclo de investigação no recinto de Santa Vitória (campo maior). Os resultados da campanha de 2018. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 13: 9-18.

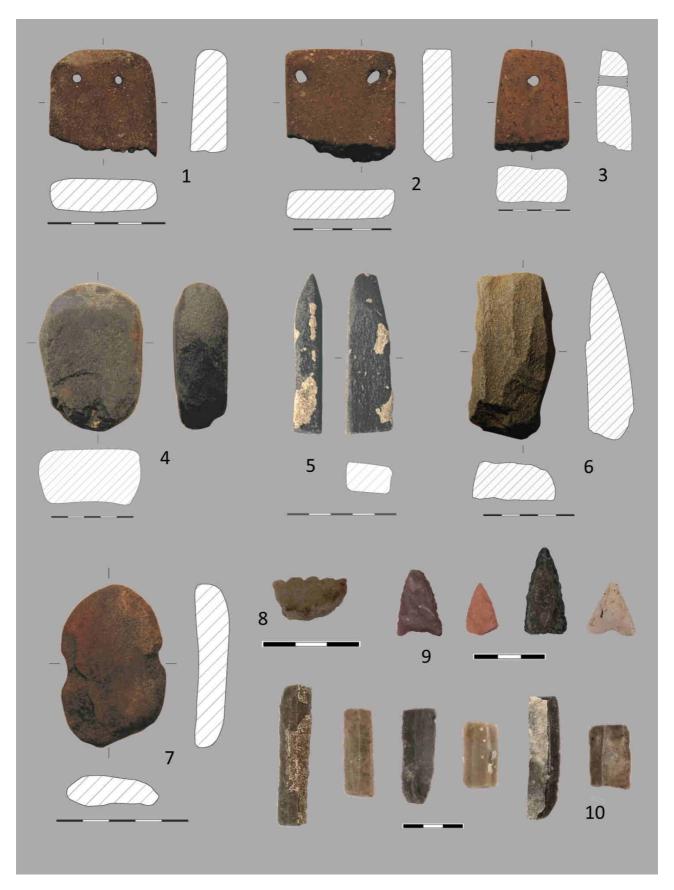
VALERA, A.C.; BECKER, H.; COSTA, C. (2014) – Os recintos de fossos pré-históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.21: 195-216.



Estampa 1 – Exemplos de cerâmicas decoradas do Monte da Contenda.



Estampa 2 – Materiais do sagrado e de adorno. 1 a 3 Ídolos de Cornos; 4 pequena placa de xisto polida; 5 conta de colar; 6 fragmento de placa de xisto gravada; 7 betilo de calcário.



Estampa 3 – 1 a 3 Pesos de tear; 4 martelo; 5 formão; 6 esboço; 7 peso de rede; 8 denticulado em quartzito; 9 pontas de seta; 10 segmentos de lâmina em sílex.

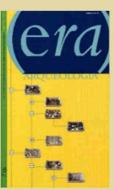
OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



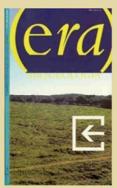


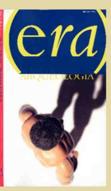






Publicação de









FRAGMENTATION
AND DEPOSITIONS
IN FREAND PROTO-HISTORIC PORTUGAL
definite (1-40-1008) 2013

Série ERA Monográfica (2013 – 2022)

















